

SHIRLEY CARLA FERREIRA MOTA



CAPITALISMO

30773
500u

Tombo nº.	7119
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	28-02-03

SHIRLEY CARLA FERREIRA MOTA

CAPITALISMO

Trabalho apresentado à FACER
como requisito parcial a
Disciplina Dissertação Filosófica
II, para fins avaliativos do
professor Paulo Henrique
Castanheira Vasconcelos.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação filosófica primeiramente a Deus, que me fez tomar consciência da importância dos estudos na formação de um verdadeiro cidadão.

Agradeço de uma forma muito especial aos meus pais e meu irmão que sempre estiveram do meu lado nessa caminhada, me apoiando e incentivando.

A todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, me ajudaram a eles todo o meu agradecimento. E a todos os professores que por minha vida passaram, o meu reconhecimento e gratidão por fazerem parte dessa caminhada, contribuindo com cada degrau que consegui alcançar.

Dedico também ao meu esposo pela companhia e apoio dado esses anos todos, pela compreensão, paciência e força de vontade, para juntos podermos dizer que vencemos mais uma etapa de nossa vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
BIOGRAFIA	06
1- O QUE É CAPITALISMO	07
1.1- O modo de produção capitalista	09
1.2- Gênese e desenvolvimento do capitalismo.....	10
1.3- Contradições do progresso sobre o capitalismo	11
1.4- O aparecimento das relações capitalistas	13
1.5- A doutrina sobre a mais-valia - pedra angular da teoria econômica de Marx	14
2- EXPLORAÇÃO – ALIENAÇÃO	16
2.1- Noção de proletariado.....	17
2.2- A análise do regime capitalista	19
2.3- A luta de classes.....	19
2.4- A classe operária	21
2.5- A situação da classe operária.....	21
2.6- A exploração capitalista.....	23
2.7- A jornada de trabalho.....	24
3- MERCADORIA	26
3.1- Dinheiro.....	28
3.2- O salário.....	29
3.3- Lucro.....	30
4- A CRÍTICA	32
CONCLUSÃO	34
BIBLIOGRAFIA	36

INTRODUÇÃO

Perceber na obra de Marx alguns pontos em comum na economia de hoje e entender melhor o que vem a ser Capitalismo.

Perceber mudanças ou semelhanças daquela época para nossos dias, pois o homem ainda está completamente alienado às coisas materiais, com isso causando uma desestruturação na economia.

Será ressaltado as contradições do progresso sob o capitalismo, é característica do capitalismo que o desenvolvimento de uns países se processe à custa dos sofrimentos e das calamidades para os povos de outros países. E o progresso neste terreno, nas condições do capitalismo, é utilizado em favor dos interesses egoístas da oligarquia financeira, trazendo para os trabalhadores novos males.

Para a produção capitalista é necessário que a maior parte ou considerável parte da sociedade esteja privada dos meios de produção. Isto obriga, os homens, que nada possuem, além da mão-de-obra, para não morrer de fome, a se tornarem trabalhadores assalariados nas empresas dos capitalistas.

É importante notar que Marx revelou o caráter antagônico das relações entre o trabalho e o capital, as quais constituem o eixo em torno do qual gira texto o sistema capitalista. Tendo pesquisado a mais-valia, Marx apresentou uma explicação científica exaustiva do processo de exploração dos operários pelos capitalistas.

Outro ponto interessante é a alienação do homem, que para Marx esse processo se manifesta no trabalho e na divisão do trabalho. O autor admitiu que a

alienação do trabalho, apesar de existir através de toda a história, atinge o auge na sociedade capitalista, que a classe trabalhadora é a mais alienada de todas.

A luta de classes, menos que um acontecimento súbito e catastrófico é um fato permanente das sociedades capitalistas, cuja evolução varia segundo as crises educadoras do proletariado até o dia em que estiver em condições de impor sua vontade, em que o proletariado fundará sua dominação.

Será relatado também a jornada de trabalho, que o primeiro meio empregado pelo capitalista no interesse do seu capital é o aumento da jornada de trabalho. Mas é claro, que a mesma tem seus limites.

Outro ponto importante é a mercadoria, que só se torna mercadoria o produto do trabalho que entra no consumo através da troca, da compra e venda.

O comum nas mercadorias não são as suas propriedades físicas: peso, volume, forma, etc., pelo contrário, as propriedades físicas das mercadorias são muito variadas. O que é comum é que todas elas são produto do trabalho humano.

Sob o capitalismo, o salário representa o preço da força de trabalho. Cria-se, porém, a falsa aparência de que ele é o preço do trabalho, e mais ainda, todo o seu trabalho. Todavia, o que, de fato, acontece é que o trabalho cria o valor, mas ele mesmo não possui valor. O que o capitalista paga ao operário não é em absoluto, o seu trabalho, mas a sua força de trabalho.

E o lucro é a força motriz e o fim principal de cada capitalista. Para o capitalista, a produção representa apenas um meio de obtenção de lucro. Quanto ao consumo das massas populares, só é levado em conta, na economia capitalista, na medida em que constitui condição inevitável para a atração do lucro fora disso, a consideração sobre o consumo perde qualquer sentido para o capitalista.

BIOGRAFIA

Karl Heinrich Marx, cientista social, historiador e revolucionário, foi certamente o pensador socialista que maior influência exerceu sobre o pensamento filosófico e social e sobre a própria história da humanidade, embora ignorado pelos estudiosos acadêmicos de sua época. Marx, nasceu em 5 de maio de 1848, em uma família de classe média, em Trier às margens do Rio Mosela, na Alemanha. Descendente rabinos. Aos 17 anos, matriculou-se na faculdade de Direito da Universidade de Bonn e mostrou-se sensível ao romantismo que ali predominava. Foi expulso de vários lugares, por causa das idéias que ele escrevia. Na última década de sua vida, a saúde de Marx entrou em declínio, mas mesmo assim conseguiu fazer comentários substanciais sobre a política contemporânea em especial a Alemanha e a Rússia. Morreu em 14 de março de 1883 em Londres.

1- O QUE É CAPITALISMO

Das teorias que procuram explicar o que é capitalismo, destacam-se duas grandes correntes representadas por Max Weber (1864 - 1920) e por Karl Marx (1818 - 1883).

Para Max Weber, o capitalismo se constitui a partir da herança de um modo de pensar as relações sociais legada pelo movimento da Reforma da Europa do protestantismo de Lutero e mais ainda do Calvinismo.

A principal idéia de Weber neste modo de pensar refere-se à extrema valorização do trabalho, da prática de uma profissão, ou seja, uma vocação na busca da salvação individual. A criação de riquezas pelo trabalho e poupança seria um sinal de que o indivíduo pertencia ao grupo dos predestinados. O conjunto dessas idéias formaria o fundamento de uma ética, elaborada pela Reforma que implica a aceitação de princípios, normas para conduta, que seriam a expressão de uma mentalidade e de um espírito capitalista. Torna-se evidente nesta concepção do capitalismo a grande importância conferida a fatores culturais.

Para Weber, existe capitalismo onde quer que a provisão industrial das necessidades de uma comunidade seja executada pelo método de empresa, pelo estabelecimento capitalista racional e pela contabilidade do capital.

Partindo de uma perspectiva histórica, Karl Marx define capitalismo como sendo um determinado modo de produção de mercadorias. O capitalismo significa não apenas um sistema de produção de mercadorias, como também um determinado sistema no qual a força de trabalho se transforma em mercadoria e se coloca no mercado como qualquer objeto de troca.

Para que exista capitalismo faz-se necessária a concentração da propriedade dos meios de produção em mãos de uma classe social e a presença de uma outra classe para a qual a venda da força de trabalho seja a única fonte de subsistência¹.

Weber procurou mostrar como algumas manifestações de capitalismo também surgiram em outras culturas e igualmente tentou analisar um aspecto que particularizasse o capitalismo do Ocidente da Idade Moderna. Salienta que o impulso para o ganho ou a ânsia de lucro, de lucro monetário o mais alto possível, nada tem a ver com o capitalismo. Para Weber este impulso existiu e existe entre garçons, médicos, cocheiros, artistas, prostitutas, funcionários corruptos, soldados, ladrões, ou seja, em toda espécie e condições de pessoas, em todas as épocas e em todos os países da terra, onde quer que, de alguma forma, se apresentou ou se apresenta uma possibilidade objetiva para isso. Assim, para ele, não é o impulso para o ganho ou a ânsia de lucro monetário que vão permitir que se chegue a uma diferença específica entre o capitalismo ocidental e as outras formas de capitalismo. Ele fala também que a empresa capitalista e o empreendimento capitalista existiam de longa data e em toda parte.

Weber salienta que foi no Ocidente que se desenvolveu uma gama de configurações do capitalismo que nunca existiu antes em parte alguma, e sugere que é na intenção sustentada pelo agente econômico que se deve buscar o elemento do capitalismo Ocidental.

De acordo com o pensamento de Weber, o capitalismo moderno pode ser caracterizado como um vasto complexo de instituições interligadas que trabalham com base mais na prática econômica racional do que na especulativa.

Na ética protestante o espírito capitalista Weber começa investigando os princípios éticos que estão na base do capitalismo constituindo o que ele denomina o seu espírito. A partir daí formula sua hipótese básica de trabalho segundo a qual a vivência espiritual da doutrina e da conduta, exigida pelo protestantismo, teria organizado uma maneira de agir religiosa com afinidade à

¹ CATANI, Afrânio M., *O que é Capitalismo*, p. 08

maneira de agir econômica, necessária para a realização de um lucro sistemático e racional.

Contra-pondo-se à concepção medieval cristã preservada pelo catolicismo que exigia como requisito fundamental e desprendimento dos bens materiais neste mundo, o protestantismo valorizava o trabalho profissional como meio de salvação do homem.

A concepção cristã medieval considerava o trabalho uma verdadeira maldição, devendo desenvolver-se apenas na medida em que o homem dele necessitasse para a sua sobrevivência, não sendo aceito, jamais, como um fim em si mesmo. Esta concepção cristã não atribuía ao trabalho nenhum grande mérito ou significado capaz de conduzir o homem a salvação individual. Pregava inclusive, que se o indivíduo pudesse aliviar-se do trabalho em virtude de suas riquezas e dedicar-se integralmente à vida contemplativa e à oração, tanto melhor. Para esta concepção cristã a vocação do homem se realizava plenamente nessa contemplação, estado perfeito em que se unia à divindade.

Segundo a interpretação de Weber o objetivo do capitalismo é, sempre em todo lugar, aumentar a riqueza alcançada, aumentar o capital. E esse processo de enriquecimento constitui uma indicação segura de que se está predestinada. E é justamente neste ponto, que é possível observar, de acordo com a concepção de Weber, as existentes entre aspirações religiosas e as aspirações mundanas do capitalismo.

1.1- O modo de produção capitalista

Maurici Dobb, tentando conceituar o capitalismo da maneira mais simples possível, afirma que é um sistema em que os utensílios e as ferramentas, edifícios e matérias-primas com o que é obtida a produção - capital, numa palavra são predominantemente de propriedade privada ou individual. Em linguagem um pouco mais técnica, Karl Marx o havia definido como um modo de produção cujo

meios estão nas mãos dos capitalistas, que constitui uma classe distinta da sociedade.

Segundo Marx, propriedade privada, divisão social do trabalho e troca são características fundamentais da sociedade produtora de mercadorias. E à produção e mercadorias dedicam-se os produtores independentes privados que possuem a sua força de trabalho, os seus meios de produção e os produtos resultantes de seu trabalho.

A divisão social do trabalho é outra condição prévia característica de uma sociedade capitalista. Como nessa sociedade o indivíduo não tem todas as profissões necessárias para satisfazer as suas múltiplas necessidades (de alimentação, de vestuário, de habitação, de meios de produção, etc), uma vez que ele possui apenas uma profissão, só consegue subsistir se puder simultaneamente adquirir os produtos do trabalho de outrem. Como nessa sociedade cada pessoa tem uma profissão particular, todos dependem uns dos outros, isto é, decorre da divisão do trabalho no seio da produção mercantil.

1.2- Gênese e desenvolvimento do capitalismo

A fase crucial de ascensão do capitalismo é representada usualmente pelo chamado Revolução Industrial, quando uma série de inovações técnicas que submetiam a potência mecânica - primeiro, a energia hidráulica, depois o vapor - a produção, transformou o processo de produção, transferindo-o da casa ou da oficina artesanal para a fábrica, tomando o processo coletivo de dezenas e , mais tarde, de centenas de trabalhadores².

A Revolução Industrial estabelece, nesse sentido, as principais fases do desenvolvimento capitalista, pelo simples motivo de que pressupõe a existência de certos níveis de acumulação capitalista sem os quais não parece viável a substituição da força de trabalho por máquinas cada vez mais aperfeiçoadas. As

² CATANI, *op. cit.*, p. 08

relações capitalistas de produção, ou seja, relações do trabalho assalariado com o capital, tinham amadurecido durante dois séculos, ou mais, antes da Revolução Industrial.

A forma de produção mais característica na fase inicial foi a indústria caseira ou doméstica, na Pré Revolução Industrial do capitalismo, que Marx chama a fase da manufatura por contraste com a da maquinofatura introduzida pela Revolução Industrial.

Dobb considerava esse início como uma fase do capitalismo, isso porque os trabalhadores não estavam, regra geral, proletarizados, ou seja, não se encontravam ainda separados dos seus instrumentos de produção, nem mesmo, em muitos casos, da posse de uma pequena porção de terra. A produção estava dispersa, descentralizada, e não concentrada. O capitalista era ainda essencialmente um mercador que não exercia controle direto com a produção, e não impunha a sua própria disciplina ao trabalho do operário - artesão, que trabalhava em núcleos individuais e considerava uma margem de independência importante.

1.3- Contradições do progresso sobre o capitalismo

O capitalismo representou um grande passo à frente no caminho do progresso. É suficiente lembrar o rápido desenvolvimento das forças produtivas sob o capitalismo, a criação de uma poderosa indústria, o impetuoso crescimento da ciência e da técnica, e, por fim, o nível mais alto do desenvolvimento da luta de classes dos trabalhadores, em comparação com todas as formações precedentes. Mas por estes êxitos históricos, que o capitalismo trouxe à humanidade, foi pago a um preço incrivelmente elevado.

Já o próprio crescimento da sociedade capitalista foi acompanhado de vários tormentos para as massas populares. O aparecimento da produção capitalista era inconcebível sem a criação de um exército de operários, privados dos meios de produção. Daí porque o prólogo do capitalismo foi expropriação das massas populares, executada como piedosa crueldade.

Os fatos dessa época, segundo a expressão de Marx, estão escritos nos anais da humanidade com a linguagem ardente do sangue do fogo³.

Após a vitória das relações capitalistas, cada novo passo do progresso continuou a trazer o bem para uns e o mal para outros, o acesso para uma esfera da vida social e da decadência para outra. Em nossa época, tudo está como que preenche o seu oposto. Vemos que as máquinas, dotadas da maravilhosa força de reduzir e tornar mais fecundo o trabalho humano, trazem aos homens fome e esgotamento.

Novas fontes de riquezas, até agora desconhecidas, por qualquer estranho, incompreensível sortilégio, de convertem em fontes de misérias, as vitórias da técnica são como que compradas ao preço da degradação moral⁴.

Parece, que à medida que a humanidade submete a natureza, o homem se torna escravo de outros homens ou então escravo de sua própria baixaza.

É característico do capitalismo que o desenvolvimento de uns países se procede a custa dos sofrimentos e das calamidades para os povos de outros países. “Pelo impetuoso desenvolvimento da economia e da cultura do chamado “mundo civilizado” um punhado de potências capitalistas da Europa e América do Norte - pagou um preço terrível a maioria da população da terra, ou seja, ou povos da Ásia, África, América Latina e Austrália. A colonização desses continentes criou a possibilidade para o rápido desenvolvimento do capitalismo no Ocidentes⁵.

Mas, aos povos escravizados, ela trouxe a ruína, a miséria e uma monstruosa opressão política. No curso da colonização, a ‘cultura’ Europa não somente aniquilou muitas civilizações de outros continentes, como também exterminou povos inteiros.

Nos inícios do século XX, quando o capitalismo ingressou na sua fase derradeira, imperialista, as suas relações de produção se converteram em barreira

³ KUUCINEW, O. V., Fundamentos do Marxismo-Leninismo, p. 208

⁴ KUUCINEW, op. cit. p.208

⁵ KUUCINEW, op. Cit. p.208

no caminho do desenvolvimento ulterior da sociedade. No terreno das relações sociais, da política, da moral, da cultura e da arte, o domínio dos monopólios se tornou uma fonte de retrocesso, de movimento regressivo. Demonstram-no claramente a prática dos Estados fascistas, na vida política social dos maiores países capitalistas da atualidade. É verdade que também na época do imperialismo não cessa o rápido desenvolvimento da ciência e da técnica. Mas o processo neste terreno, nas condições do capitalismo, é utilizado em favor dos interesses egoístas da oligarquia financeira, trazendo para os trabalhadores novos males. As conseqüências das crises econômicas se tornam mais catastróficas, os aperfeiçoamentos técnicos, nas condições da redução dos ritmos gerais de desenvolvimento da produção e de estreitamento dos mercados, condenam as massas trabalhadoras do permanente desemprego.

Sempre mais distribuidoras se fazem as guerras, no curso das quais as maiores conquistas científicas e técnicas da moderna civilização são utilizadas para o morticínio de milhões de homens e o aniquilamento de colossais valores materiais⁶.

1.4- O aparecimento das relações capitalistas

A produção capitalista pode existir sob duas condições. Ela exige a concentração dos meios fundamentais de produção com propriedade dos capitalistas. Para ela, é necessário também que a maior parte ou considerável parte da sociedade esteja privada de meios de produção, isto obriga os homens, que nada possuem, além da mão de obra, para não morrer de fome, a se tornarem trabalhadores assalariados nas empresas capitalistas.

A transformação da sociedade feudal capitalista só se tornou possível depois que a parte considerável dos camponeses e artesãos foi espoliada dos meios de produção, ou seja, quando ocorreu a separação entre os produtores e os

⁶ KUUCINEW, op. cit. p. 209

meios de produção. Além disso, era necessário que o lugar do senhor feudal, como força econômica dominante, fosse ocupada pelo capitalista, que possuía os meios monetários e materiais para dirigir uma economia baseada em trabalhadores assalariados.

A limpeza do terreno para o desenvolvimento da produção capitalista exigiu toda uma época histórica de transição do feudalismo ao capitalismo.

Os traços característicos dessa época foram os seguintes: destruição dos fundamentos da sociedade feudal, tormentosa e sangrenta epopéia e ruína dos camponeses e artesãos; acumulação de riquezas em mãos da classe burguesa nascente, por meio da pilhagem colonial, do comércio de escravos da usura, da pirataria marítima e de outras violências e crimes⁷.

Os homens expulsos da aldeia, afastados da terra, eram obrigados a se converter em operários assalariados. Não só com a ajuda da fome, mas também por meio da aplicação da violência, o capitalismo nascente encurralou os antigos camponeses e artesãos nas empresas capitalistas, habituando-os com castigos sangrentos a disciplina do trabalho assalariado. O capitalismo surgiu sobre os cadáveres de milhares e milhares de homens arruinados e martirizados.

1.5- A doutrina sobre a mais-valia - pedra angular da teoria econômica de Marx

Marx revelou o caráter antagônico das relações entre o trabalho e o capital, as quais constituem o eixo em torno do qual gira todo sistema capitalista. Tendo pesquisado a mais-valia, Marx apresentou uma explicação científica exaustiva no processo de exploração dos operários pelos capitalistas.

Em sua análise, Marx parte do fato simples e geralmente conhecido, que os capitalistas em primeiro lugar, compram as mercadorias necessárias à

produção e, em seguida vendem os produtos de suas empresas por uma quantidade de dinheiro maior do que aquela que eles próprios gastaram.

Na circulação mercantil simples o possuidor de mercadorias revende sua mercadoria a fim de comprar outra mercadoria. O objetivo final da circulação mercantil simples é a satisfação das necessidades. Então a mais-valia é uma análise da estrutura do capital que permite a Marx superar esta contradição entre a realidade e as aparências.

A mais-valia, portanto, pode ser aumentada. Mas ela não é consumida pelo capitalista para as suas necessidades ou para o seu capricho: é reinvestida, para que ele não sucumba na concorrência. Desse modo, a acumulação do capital se, por um lado, concentra a riqueza nas mãos de número sempre menor que capitalista, por outro lado - através da eliminação de operários por meio de novas máquinas, gera sempre mais miséria no exército de trabalho de reserva. E Marx caracteriza essa tendência histórica de acumulação capitalista com as seguintes expressões, que se tornaram célebres: cada capitalista destrói muitos outros... com a diminuição constante do número de magnatas do capital que usurpam e monopolizam todas as vantagens desse processo de transformação, cresce a massa da miséria, da pressão, da subjugação, da degeneração e da exploração, mas também cresce a revolta da classe operária, que aumenta cada vez mais e é disciplinada, unida e organizada pelo próprio mecanismo do processo de produção capitalista.

“O monopólio do capital toma-se vínculo do modo de produção. A centralização dos meios de produção e a socialização do trabalho alcançam ponto em que se torna incompatíveis com o seu envoltório capitalista. Ele se rompe. Só então a última hora da propriedade privada capitalista. Os expropriadores são expropriados”⁸.

⁷ KUUCINEW, *op. cit.* p. 221

⁸ REALE, Giovane & ANTISERI, Dário, *História da Filosofia*, p.202

2- EXPLORAÇÃO – ALIENAÇÃO

Ao mesmo tempo que lançava apressadamente no papel as idéias temáticas da alienação do homem na sociedade moderna, Marx indica que o salário se determina pela luta que opõe capitalista e operários e analisa certos aspectos da concorrência entre capitalistas de um lado e operários de outro. Ele procura determinar qual é a fonte real do lucro do capital e nota que este é um poder de governo sobre o trabalho de outro e sobre seus produtos, e que o capitalismo é um sistema no qual reina a indiferença para com os homens. É nessa indiferença que gera tanta violência, ganância, disputa de poder, onde poucos tem muito e muito tem tão pouco.

Para Marx, o processo de alienação manifesta-se no trabalho, e na divisão do trabalho. Com a expansão da propriedade privada e da divisão do trabalho, todavia, o trabalho perde sua característica de expressão do poder do homem, o trabalho e seus produtos assumem uma existência à parte do homem, de sua vontade e de seu planejamento.

O objeto produzido pelo trabalho, seu produto, agora se opõe a ele mesmo como um ser estranho é trabalho humano incorporado em um objeto e transformado em coisa material; esse produto é uma objetivação do trabalho humano. É alienado porque trabalhar deixa de fazer parte da natureza do trabalhador e, conseqüentemente, ele não se realiza no seu trabalho mas nega-se a si mesmo, tem uma expressão de sofrimento em vez de bem-estar, não desenvolve livremente suas energias mentais e físicas mas fica fisicamente - exaustivo e

mentalmente revoltado. O trabalho, portanto, só se sente à vontade quando dá folga, ao passo que no trabalho, se sente constrangido.

No trabalho não alienado, o homem não só se realiza como indivíduo, mas também como anti - espécie. Para Marx, tal como para Hegel, e muitos outros pensadores do iluminismo, cada indivíduo representa a espécie, isto é, a humanidade como um todo, a universalidade do homem.

Marx admitiu que a alienação do trabalho, apesar de existir através de toda a história, atinge o auge na sociedade capitalista, e que a classe trabalhadora é a mais alienada de todas.

Uma consequência direta da alienação do homem do produto de seu trabalho, da atividade de sua vida e da vida de sua espécie é que o homem é alienado dos outros homens. Quando o homem se enfrenta a si mesmo, também enfrenta os outros homens. O que é verdade quanto à relação entre o homem e seu trabalho, o produto do seu trabalho com relação com outros homens, e com o trabalho e objeto de trabalho deles.

O homem torna-se cada vez mais pobre como homem; ele tem necessidade cada vez maior de dinheiro afim de apossar-se do ser hostil. O poder do dinheiro diminui diretamente com o aumento do volume de produção, isto é, sua necessidade cresce com o poder crescente do dinheiro. A necessidade de dinheiro torna-se cada vez mais sua única qualidade importante.

2.1- Noção de proletariado

Fazendo valer suas numerosas leituras e as análises econômicas e sociais dos seus antecessores, Marx revela a existência de uma realidade sociológica coerente, de origem econômica, a classe operária. Os proletários constituem o conjunto dos trabalhadores, cujo trabalho tem por objeto diretamente a transformação da matéria é um trabalho e execução.

O proletário é um capital que tem necessidades e cujo valor varia segundo a lei da oferta e da procura.

Sua existência, sua vida, torna-se uma oferta de mercadoria como toda outra mercadoria. Sua condição é a insegurança de vida, que faz dos operários seres dependentes do ponto de vista social e econômico, acampados no seio da nação, para repetir o dito de Augusto Comte⁹.

O proletariado é internacional: seus interesses, sua maneira de viver são os mesmos em todos os países. Com a vinda das máquinas, fruto da divisão do trabalho, os proletariados perderam todo o gosto pelo trabalho. Seu trabalho é um trabalho alienado que faz deles seres desprovidos de todo caráter humano no físico como no moral e rebaixa suas atividades e relações humanas ao nível das funções animais.

O proletariado é vítima da alienação econômica que pesa sobre toda a sociedade capitalista, seu trabalho não é uma parte, mas o sacrifício de sua vida. Tendo-se tornado menos que um escravo, perdeu-se totalmente a si mesmo. O proletariado plenamente desenvolvido abstrai-se de toda humanidade, mesmo da aparência de humildade.

Observemos finalmente que o proletariado responde à noção e definição marxista de classe social. Mas Marx descreve uma classe ainda em formação. Com o desenvolvimento da indústria manifesta-se a solidariedade dos interesses. Ela dá origem e condições psicológicas e políticas comuns. Finalmente, a tomada de consciência proletária se verifica na luta de classes e é seguida pela organização em partido político.

⁹ CHAMBRE, Henri, *De Marx a Mão Tse Tung*, p. 140

2.2- A análise do regime capitalista

É no capital que a propriedade privada manifesta um mundo em que terra e o homem estão completamente alienados um do outro, em que a separação da natureza e do homem tornou-se total, já que ambos, terra e homem, são reduzidos à função de “mercadorias”, de “coisas”, objetos de compra e venda. Chegamos assim a desumanização total do homem, situação que conduz necessariamente à revolução.

Desde o início das duas análises, um fato técnico feriu a atenção de Marx, fato que revela o desenvolvimento do regime capitalista, forma acabada do regime dominado pela propriedade privada dos bens, o fato da cooperação humana na produção com seu corolário, a divisão do trabalho¹⁰.

A característica do proletariado é a instabilidade de vida, a incerteza cotidiana com respeito ao pão quotidiano, as condições desumanas de vida nas favelas dos subúrbios; o fato de que o trabalho a ele confiado é um trabalho parcelar, maquinal e mecanizado. Tudo isso é fruto da divisão do trabalho, devido a concentração da indústria e ao desenvolvimento prodigioso das forças de produção graças às máquinas a vapor.

A formação de um mercado mundial, o desenvolvimento da cooperação na produção e da divisão do trabalho, fazem o mundo tender a tornar-se cada vez mais uma coletividade única de produção.

2.3- A luta de classes

Marx não inventou a luta de classes, como muitas vezes se acredita. Nas suas análises Marx reencontra a luta de classes como um fato da história

¹⁰ CHAMBRE, *op. cit.*, p. 80

humana, fenômeno geral e essencial que constitui a sua trama. Toda a história da sociedade humana até o presente é a história da luta de classes.

A luta de classes, menos que um acontecimento súbito e catastrófico, é um fato permanente das sociedades capitalistas, cuja evolução varia segundo as fases da sua evolução que é pontilhada por uma série de crises educadoras do proletariado até o dia em que estiver em condições de impor sua vontade, em que o proletariado fundará sua dominação.

Os ideólogos reacionários, atemorizados pela luta dos trabalhadores, tentam representar a luta de classes como um obstáculo ao progresso, como um desvio perigoso do curso normal do desenvolvimento social. Na realidade, a luta de classes não apenas impede o progresso, porém, ao contrário, representa a força motriz no desenvolvimento da sociedade.

A luta de classes atravessa toda a história da sociedade baseada na exploração. A sua significação criadora, progressista, manifesta-se inclusive nas condições do desenvolvimento evolutivo, de cada formação.

Imenso papel progressista desempenha a luta das classes oprimidas na vida política. É sabido, por exemplo, que a burguesia francesa, na época das revoluções burguesas, não colocava o objetivo da criação da república, estando pela conservação da monarquia como forma de governo, que facilitava a repressão dos trabalhadores.

A burguesia gosta de atribuir-se o mérito do enorme progresso técnico na época do capitalismo. Mas, por si mesmo, o desenvolvimento da técnica é o que menos interessa ao capitalista. Se não houvesse a resistência dos operários, ele preferiria multiplicar os seus lucros por meios tão simples e barato, como a redução do salário e o aumento da jornada de trabalho. O que obriga o capitalista, em grande medida, juntamente com a concorrência, a procurar outras fontes de aumento do lucro, particularmente introduzir novas máquinas, aperfeiçoar o progresso tecnológico e empregar invenções, é, precisamente, a luta tenaz da classe operária pelos seus interesses.

2.4- A Classe operária

Na realidade, a classe operária é a única classe que não possui propriedade privada dos meios de produção e, portanto, não precisa estimá-la. Ademais, uma vez que a propriedade privada dos meios de produção constitui a base da exploração do operário pelo capitalismo, torna-se evidente que liquidação e substituição pela propriedade social é o único caminho para a emancipação da classe operária.

Em virtude de suas próprias condições de vida e de trabalho, a classe operária é capaz de atingir o mais alto grau de organização. Entre as classes oprimidas, é também a classe operária a que possuía mais capacidade para desenvolver a própria consciência, para apreender a concepção do mundo avançado, científica.

A classe operária é, simultaneamente, a classe mais combativa e revolucionária da sociedade.

2.5- A situação da classe operária

O pioramento das condições de existência dos trabalhadores se manifesta com força particular nos períodos das crises econômicas de superprodução, quando cresce o desemprego, cai o salário, intensifica-se o processo de ruína dos pequenos e médios produtores¹¹.

O pioramento da situação dos trabalhadores pode ter lugar também quando o salário sofre certa elevação. Com a acentuação da intensidade do trabalho, acentua-se a necessidade de melhor alimentação, de assistência médica, et. E quando esta necessidade crescente não se satisfaz, ou se satisfaz de modo

¹¹ KUUCINEW, O. V., Fundamentos do Marxismo-Leninismo, p. 247

incompleto, tem lugar o pioramento da situação da classe operária, o agravamento de sua necessidade, mesmo se as proporções do salário aumentaram em algo.

De modo ainda mais evidente aparece o pioramento relativo da situação da classe operária, inerente ao capitalismo, isto é, a diminuição da parte da classe operária na renda nacional. Isto caracteriza a situação da classe operária em comparação com a situação dos capitalistas. O crescimento da riqueza social na sociedade burguesa conduz inevitavelmente ao aumento da desigualdade social entre capitalistas e trabalhadores. Descoberta por Marx, a tendência para o pioramento da situação da classe operária, com o desenvolvimento do capitalismo, continua a atuar também hoje.

Com isto de modo algum querem concordar os críticos do marxismo falsificando a realidade, especulando com fatos parciais isolados, jogando a torto e a direita com alguns fenômenos da atualidade, tais críticos tentam, por todas as maneiras, demonstrar que a teoria de Marx não teria sido confirmada e que o capitalismo moderno abre a perspectiva de um ilimitado melhoramento da situação dos operários.

Formam-se, por conseguinte, nas circunstâncias atuais, condições particularmente favoráveis para a aliança da classe operária com as outras camadas sociais, que opõem a burguesia racionaria. A classe operária está chamada a desempenhar nesta aliança um papel particular: o papel de dirigente, o papel hegemônico.

Nisto se encontram interessados os próprios aliados da classe operária, os quais, somente sob a sua direção, podem alcançar vitórias sobre a burguesia monopolista. E que a classe operária é a única classe, não apenas capaz de travar uma luta conseqüente contra a opressão do capital, mas possuidora também de um programa verdadeiro de reconstrução da sociedade, de acordo com os interesses vitais de todos os trabalhadores. Somente o proletariado pode criar seu partido político, armado com uma concepção científica do mundo, capaz de conduzir os povos a esse fim sagrado.

Já a classe operária, a sua direção do movimento libertador das outras camadas de trabalhadores é uma garantia necessária da própria emancipação

social. Só cumprindo uma função dirigente, pode o proletariado sair dos marcos da luta estritamente profissional pelo melhoramento das condições de vida de sua força de trabalho e erguer-se à altura do papel de dirigente da nação de dirigente da sociedade.

A classe operária não aspira a conseguir privilégios à custa de outras classes e camadas do povo. Pelo contrário, a direção das massas trabalhadoras coloca sobre a classe operária novas obrigações, inclusive a obrigação de levar em conta os interesses especiais das outras camadas laboriosas do povo, de cuidar desses interesses, de lutar por eles, como por seus próprios interesses. Por conseguinte, ao defender sua função dirigente na luta libertadora dos trabalhadores, a classe operária parte da tese de que só pode libertar-se, libertando todos os oprimidos e criando uma sociedade livre de todos os gêneros de exploração e opressão.

O nosso mundo é um mundo de pobres e oprimidos, que a ideologia capitalista procura esconder. Trata-se de um verdadeiro povo crucificado. O pão é injustamente distribuído entre a população do planeta, pois 80% dos bens produzidos no mundo são absorvidos por apenas 20% de sua população. O Brasil é conhecido como o país que tem a pior distribuição de renda no mundo. Para o sistema capitalista, os pobres são insignificantes; são pobres porque são incompetentes.

2.6- A exploração capitalista

Ficou claro, pois, que o operário assalariado, no decurso de uma parte de seu tempo de trabalho, cria o produto necessário ao seu próprio sustento. Marx chama esta parte do tempo de trabalho, de tempo de trabalho necessário.

No decurso da outra parte do seu tempo de trabalho - o tempo de trabalho suplementar - o operário cria com seu trabalho suplementar a mais-valia. A mais-valia é o valor criado pelo operário assalariado acima do valor de sua força de trabalho e do qual o capitalista se apropria gratuitamente¹².

A essência do processo de exploração capitalista consiste na produção da mais-valia. Não interessa aos capitalistas a produção de meios de produção e de objetos de consumo úteis e necessários à sociedade, mas a obtenção da maior quantidade possível de mais-valia. A cobiça de mais-valia é insaciável nos capitalistas.

2.7- A jornada de trabalho

Uma vez nascido, o capital tem necessidade de se alimentar para se desenvolver; e o capitalista, que só vê, daí por diante, a vida do capital, cuida com carinho das necessidades desse ser, que se tornou seu coração e sua alma, e encontra o meio de satisfazê-las.

O primeiro meio empregado pelo capitalista no interesse do seu capital é o aumento da jornada de trabalho. Mas é claro, que a jornada de trabalho tem seus limites. Antes de mais nada, um dia só se compõe de vinte e quatro horas diárias, é necessário deduzir um certo número delas que o operário deve utilizar na satisfação de todas as suas necessidades físicas e morais: dormir, alimentar-se, restaurar suas forças, etc.

O capitalista comprou a força de trabalho por seu valor de uma jornada. Adquiriu, pois, o direito de fazer o operário trabalhar o dia inteiro a seu serviço.

¹² KUUCINEW, *op. cit.*, p. 230

O capitalista se apoia, por conseguinte, na lei da troca de mercadorias como qualquer outro comprador, ele procura tirar do valor de uso de sua mercadoria o maior lucro possível.

O operário trabalha sob o controle do capitalista, a quem pertence o seu trabalho. O capitalista zela para que o trabalho se processe como é preciso e para que todos os meios de produção sejam empregados racionalmente, para que não haja desperdício da matéria-prima e para que o instrumento de trabalho seja utilizado e desgastado somente na proporção exigida pelo seu emprego no trabalho.

3- MERCADORIA

Não é qualquer produto do trabalho que é mercadoria. Se alguém satisfaz, com o produto do seu trabalho, sua própria necessidade ou a necessidade de sua família, criou, então, apenas, um produto, uma coisa, porém não uma mercadoria. Só se torna mercadoria o produto do trabalho que entra no consumo através da troca, da compra e venda.

A mercadoria possui duas propriedades. A sua capacidade de satisfazer qualquer necessidade humana faz da mercadoria um valor de uso¹³.

A Análise de O Capital inicia-se com a análise da mercadoria. Pois bem, a mercadoria tem duplo valor: valor de uso e valor de troca. Valor de uso de uma mercadoria baseia-se na qualidade da mercadoria, que, precisamente em função de sua qualidade, satisfaz mais a uma necessidade que a outra.

Entretanto, vemos que, no mercado, as mercadorias mais diferentes são trocadas entre si: vinte quilos de café, por exemplo: são trocados por vinte quilos de tecidos. Mas o que tem em comum duas mercadorias tão diferentes para que possam ser trocadas? Elas apresentam em comum precisamente o que se chama valor de troca. O valor de troca é algo idêntico existente em mercadorias diferentes, que as tornam passíveis de troca em dadas proporções mais do que em outras. Mas em que consiste então o valor de troca de uma mercadoria? Como diz

¹³ KUUCINEW, op. cit., p. 223

Marx, esse valor é dado pela quantidade de trabalho socialmente necessária para produzi-la. Em essência, como valores, todas as mercadorias são apenas medidas determinadas de tempo de trabalho nelas empregado.

O comum nas mercadorias não são as suas propriedades físicas: peso, volume, forma, etc.; pelo contrário, as propriedades físicas das mercadorias são muito variadas. O que é comum é que todas elas são produto do trabalho humano. Deste ponto de vista, todas as mercadorias representam cristalizações do trabalho humano. Como encarnação do trabalho nelas contido, as mercadorias são valores.

A grandeza do valor da mercadoria é determinada pelo trabalho. Não porém, pelo trabalho que foi gasto na produção precisamente da mercadoria em questão. Coisas iguais podem ser feitas por pessoas diferentes, empregando diferentes instrumentos de trabalho e gastando um tempo diferente, ou seja, com diferente quantidade de trabalho. O valor é determinado pelo trabalho gasto em média na sociedade para a produção de um tipo dado de mercadoria. Este trabalho se denomina de trabalho socialmente necessário. É possível medi-lo pelo tempo de trabalho. O tempo de trabalho socialmente necessário, escreveu Marx, é o tempo de trabalho exigido para a elaboração de qualquer valor de uso, nas condições de produção socialmente normais existentes e com o nível médio de habilidade e de intensidade do trabalho na sociedade dada. Com o crescimento da produtividade do trabalho social, o valor das mercadorias diminui, uma vez que a produção da unidade de mercadoria exige cada vez menos trabalho, menos tempo de trabalho.

No sistema capitalista, portanto, a força de trabalho humana é uma mercadoria. E com todas as coisas tornam-se mercadorias ao serem trocadas por produtos de igual valor, a força de trabalho torna-se também mercadoria ao ser trocada por dinheiro.

O valor de cada mercadoria é determinado pelo tempo de trabalho necessário à sua produção e manutenção. No caso da força de trabalho, esta não pode ser separada do operário a que pertence, sendo que a produção e a manutenção da força de trabalho é a produção e subsistência do próprio trabalhador. Marx é categórico a esse respeito ao afirmar que o valor da força de trabalho é o valor dos meios de subsistência necessários para a manutenção do

trabalhador, ou seja, para que o conjunto da classe operária produza a sua força de trabalho é necessário que ela esteja e continue viva, isto é, que se alimente, durma, se agasalhe e se reproduza. Sem isso não poderia voltar diariamente aos latifúndios e as fábricas do capital, para lá vender a sua força de trabalho.

Marx analisa a mercadoria com as suas duas funções, a de valor de uso e a de valor de troca, antes de mostrar como o dinheiro converte-se em capital a partir do momento em que a força de trabalho humana converte-se em mercadoria.

3.1- Dinheiro

Primitivamente, a troca era muito rara e casual. Os produtos se trocavam diretamente por outros. Com o desenvolvimento da divisão social do trabalho, a troca foi se tomando cada vez mais regular. Crescia o número de produtos do trabalho elaborados especialmente para troca. A mercadoria mais requerida gradativamente começava a atuar no papel de equivalente universal, isto é, no papel de mercadoria que se torna intermediária na troca¹⁴.

Em lugar da troca direta de sua mercadoria por outra mercadoria de que tem necessidade, os homens começaram a trocar suas mercadorias pela mercadoria equivalente universal, com a qual era sempre possível adquirir qualquer outra mercadoria. Nas diferentes localidades, o papel de equivalente universal era preenchido por diferentes mercadorias: gado, peles, sal, cobre, ferro, etc. Mais tarde, tornaram-se equivalente universal os metais nobres: a prata e o ouro.

Por suas propriedades naturais, os metais nobres são mais adequados para preencher a função de equivalente universal. Conservam sempre a mesma qualidade, não se deterioram, podem facilmente dividir-se nas menores partes. Daí porque, no curso do desenvolvimento da troca, os metais nobres ocuparam

¹⁴ KUUCINEW, op. cit., p. 255

espontaneamente o lugar de equivalente universal, passando a desempenhar a função de dinheiro. O dinheiro constitui uma mercadoria especial, que desempenha o papel de equivalente universal para todas as mercadorias. O dinheiro não surgiu por decreto de quem quer que seja, não é invenção de um indivíduo isolado nem resultado de qualquer acordo entre os homens.

Os metais nobres se destacaram do mundo mercantil e se tornaram dinheiro, em virtude de um longo processo de desenvolvimento da troca de mercadorias. O dinheiro é uma mercadoria especial, que serve à troca de todas as demais mercadorias. A capacidade de ser equivalente universal constitui o valor de uso dessa mercadoria. A essência do dinheiro se expressa nas funções que ele cumpre na economia mercantil.

Antes de tudo, o dinheiro cumpre a função na medida, do valor de todas as demais mercadorias. Qualquer mercadoria expressa o seu valor em dinheiro. Os homens não dizem que um par de botas é igual a um metro de pano, mas dizem que um par de botas custam tantos reais. O valor da mercadoria expresso em dinheiro é o seu preço.

3.2- O salário

Sob o capitalismo, o salário representa o preço da força de trabalho. Cria-se, porém, a falsa aparência de que, ele é o preço do trabalho, de que o capitalismo paga ao operário o seu trabalho, e, mais ainda, todo o seu trabalho. Todavia, o que, de fato, acontece é que o trabalho cria o valor, mais ele mesmo não possui valor. O que o capitalismo paga ao operário não é, em absoluto, o seu trabalho, mas a sua força de trabalho. O salário não é o que parece, não é valor ou o preço do trabalho, mas apenas a forma mascarada do valor - ou do preço da força de trabalho. Uma vez, que o salário não se apresenta como é na verdade, Marx denominou-o de forma metamorfoseada do valor ou do preço da força de trabalho.

Os capitalistas se esforçam para rebaixar o salário ao seu mínimo físico. A classe operária luta pela elevação do seu nível de vida. Por isso, o movimento do salário depende essencialmente da luta de classes do proletariado, da sua capacidade de organização, do grau de sua resistência ao capital. A luta da classe operária pelo melhoramento das condições de trabalho e elevação do nível de vida, nas condições de conservação da propriedade privada dos meios de produção e do poder político em mãos da burguesia, pode aliviar a situação da classe operária, mas esta luta não abala as bases do regime capitalista, não pode libertar os trabalhadores da escravidão capitalista assalariada.

3.3- Lucro

O lucro é a força motriz e o fim principal de cada capitalista. Para os capitalistas, a produção representa apenas um meio de obtenção de lucro. Quanto ao consumo das massas populares, só é levado em conta, na economia capitalista, na medida em que constitui condição inevitável para a extração de lucro; fora disso, a consideração sobre o consumo perdeu qualquer sentido para o capitalista.

O capital aspira, de todas as maneiras, ao incremento da massa e da taxa de lucro. A taxa de lucro expressa a relação da mais-valia para com todo capital invertido na empresa. A taxa de lucro é o índice da rentabilidade da empresa capitalista.

Os economistas burgueses louvam o lucro capitalista como o melhor estímulo do progresso técnico e do ilimitado crescimento da produção. Deixam, porém em silêncio o fato de que o lucro capitalista é o resultado da exploração e do esgotamento da força de trabalho.

Calam-se sobre o fato de que a subordinação na produção ao princípio do lucro capitalista constitui, não apenas um estímulo, como também um limite para a produção capitalista¹⁵.

Os capitalistas produzem somente na medida em que é possível produzir com o lucro. Em particular nas condições do capitalismo atual, os capitalistas não raro limitam a produção, detém o progresso técnico, destõem massas de produtos em benefício da elevação da taxa de lucro. Além disso, os monopólios capitalistas desencadeiam guerras e impõem à humanidade inumeráveis flagelos, tudo em nome do lucro.

¹⁵ KUUCINEW, *op. cit.*, p.237

4- A CRÍTICA

Contrapondo a esse momento econômico muitas vezes se esquece que o trabalho antes de tudo, é uma necessidade social. Acaba-se por valorizar demais a análise da economia do trabalho aumentando cada vez mais o fosso que separa os ricos e os pobres.

O evangelho de Jesus (Lc. 16-19-31), retrata uma realidade sempre antiga e sempre atual.

“Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e dava banquete todos os dias.¹⁶” Os dois morreram, o rico foi condenado e Lázaro foi recompensado, recebeu prêmio.

O rico pede a Abraão que envie Lázaro para prevenir seus cinco irmãos para que não sejam como ele na condenação.

Abraão responde: Eles que escutem, os profetas...

Porém, Jesus já nos deixa claro nas parábolas que a desigualdade é condenável. Ele vem e anuncia a palavra de Deus, isto é, a vontade do pai. Portanto a solução apresentada pelo cristianismo é o projeto de Jesus.

Eu vim para que todos tenham vida e vida plena!

Hoje vemos nossos irmãos vítimas do capitalismo liberal, um capitalismo desumano que só traz tristeza, onde os ricos cada vez mais ricos as custas dos

¹⁶ Conversa com o bispo Dom José Carlos de Oliveira, sobre alguns capítulos da Bíblia referente ao texto.

pobres cada vez mais pobres, pobres estes que não tem oportunidade de se libertar dessa opressão.

A globalização da economia torna este abismo cada vez mais profundo. Se não houver uma transformação corajosa assumida conscientemente por toda a sociedade a transformação virá por caminhos violentos.

Não é proibido ter bens, faz parte da natureza humana. O drama começa quando alguns se apropriam dos bens dos outros, principalmente quando esses bens são indispensáveis para a realização deles.

Entre nós, os 10% mais ricos da população ficam com mais da metade da renda nacional. O restante é distribuído pelos 90% mais pobres. É por isso que temos tanta miséria, tanta fome, tanta gente morando debaixo de pontes, tanto analfabetismo, tantos doentes morrendo pelos cantos dos hospitais superlotados, tantos roubos, tanta corrupção, tantos assaltos.

Não é que os 10% mais ricos sejam mais inteligentes e mais esforçados que os outros. É que eles dominam a sociedade e assim decidem o que é bom para eles e ruim para os outros.

A solução para todos nós cristãos continua sendo o caminho querido por Deus, comunidades fraternas como as primeiras comunidades cristãs, onde a partilha dos bens acontecia como fruto de uma opção de vida evangélica.

O capitalismo liberal é um macro – processo que só será detido por um mini – processo em cadeia. As grandes árvores secam quando cortamos suas pequenas raízes.

Multiplicar pequenas comunidades cristãs onde se vive a fraternidade, o perdão, a entre-ajuda, a partilha dos bens é o caminho que há de derrubar a estrutura pecaminosa do capitalismo liberal, para que todos tenham vida.

“Nosso Deus é poderoso, derruba os poderosos de seus tronos e exalta os humildes... Sacia de bens os famintos e deixa os ricos gananciosos de mãos vazias” (Lc. 51-53).

Quando se ouvir falar de globalização, todo mundo vai compreender: globalização da solidariedade!

CONCLUSÃO

Após a vitória das relações capitalistas, cada novo passo do progresso continuou o bem para uns e o mal para outros. O ascenso para uma esfera da vida social e da decadência para outra. Em nossa época disse Marx, tudo está como que preenche do seu oposto. Vemos que as máquinas dotadas da maravilhosa força de reduzir e tornar mais fecundo o trabalho humano, trazem aos homens fome e esgotamento.

Em sua análise, Marx parte do fato simples e geralmente conhecido, que os capitalistas em primeiro lugar compram as mercadorias necessárias a produção, e, em seguida, vendem os produtos de suas empresas por uma quantidade de dinheiro maior do que aquela que eles próprios gastaram.

O trabalho humano é alienado porque trabalhar é deixar de fazer parte da natureza do trabalhador e, conseqüentemente, ele não realiza em seu trabalho mas, nega-se a si mesmo, tem uma impressão de sofrimento em vez de bem-estar, não desenvolve livremente suas energias mentais e físicas, mas fica fisicamente exausto e mentalmente humilhado. O trabalhador só se sente à vontade quando dá folga, ao passo que no trabalho ele não se sente constrangido.

A característica do proletariado é a busca pela segurança devida, a dúvida cotidiana, com respeito ao pão de todos os dias; as condições desumanas de vida nas favelas dos subúrbios, o fato de que o trabalho a ele é confiado em uma divisão, maquinal e mecanizada. Tudo isso é fruto da divisão devido a concentração da indústria e ao desenvolvimento admirável.

O operário trabalha sob o controle do capitalista, a quem pertence o seu trabalho, o capitalista zela para que o mesmo se processe como é preciso e para que todos os meios de produção sejam empregados racionalmente, para que não haja desperdício da matéria-prima e para que o instrumento de trabalho seja utilizado e desgastado somente na proporção exigida pelo seu emprego.

Foi interessante notar que não é qualquer produto do trabalho que é mercadoria. Se alguém satisfaz com o mesmo, sua própria necessidade ou a necessidade de sua família, criou então, apenas um produto, uma coisa. Porém não uma mercadoria. Só se torna uma mercadoria o produto do trabalho que entra no consumo através da troca, da compra e venda.

Os salários são os preços pelos quais o capitalismo compra o trabalho humano, é que são variáveis segundo o número de operários, a procura e a oferta no mercado de trabalho.

Os capitalistas se esforçam para rebaixar o salário ao seu mínimo básico. A classe operária luta pela elevação do seu nível de vida. Por isso, o movimento do salário depende especialmente da luta de classes dos proletariados, da sua capacidade de organização, do grau de sua resistência ao capital.

Se o assalariado vendesse seu trabalho, ele se venderia a si mesmo e seria um escravo e não um assalariado.

O capital aspira de todas as maneiras, ao incremento da massa da taxa de lucro. Essa expressa a relação da mais-valia para com todo o capital invertido na empresa se tornando o índice da rentabilidade da empresa capitalista.

Ao contrário desse momento econômico, muitas vezes se esquece da necessidade social que é o trabalho. Hoje vemos as pessoas vítimas do capitalismo selvagem, desumano, que só traz tristeza, onde os ricos cada vez mais ricos e usando os pobres como degraus para alcançar a riqueza. Mas a solução para todos nós cristãos é o caminho que há de derrubar a estrutura pecaminosa do capitalismo liberal, para que todos tenham vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de referências:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad.: Alfredo Bosi. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Trad.: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa Básico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

Bibliografia:

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. Primeiros Passos. 2 ed. São Paulo: brasiliense: 1962.

ÁVILA, Pe. Fernando Bastos. **Neo Capitalismo, Socialismo, Solidarismo**. Ed. 2. Rio de Janeiro: AGIR, 1963.

BRAVERMMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista. A degradação do trabalho no século XX**. 3 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

Internet:

CATANI, Afrânio M. **O Que é Capitalismo**. 34 ed. São Paulo: brasiliense, 1995.

CHAMBRE, Henci. **De Marx a Mão Tse Tung**. São Paulo: Duas Cidades, 1963.

FROMM, Erich. **Conceito Marxista do Homem**. Trad.: Octávio Alves Velho. 8 ed. Rio de Janeiro: Zahar.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. 21 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

KUUCINEW, O. V. **Fundamentos do Marxismo – Leninismo**. Rio de Janeiro: Vitória, 1962.

MARX, Karl Heinrich & ENGELS, Frederick. **A Ideologia Alemã. Teses Sobre Feuerbach**. São Paulo: Moraes.

MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Coleção os Pensadores. Trad.: Edgard Malagodi. São Paulo: Nova Cultural, 1983.

MILTON & FRIEDMAN, Rose. **Liberdade de Escolher**. O Novo Liberalismo Econômico. Rio de Janeiro: Record, 1980.

REALE, Giovanni & ANTISERI, Dário. **História da Filosofia. Do Romantismo até nossos dias**. 4 ed. São Paulo: Paulus, 1991.

Internet

WWW.filosofiavirtual.cjb.com.br